



A DECADÊNCIA DO CATOLICISMO POPULAR NA REGIÃO PARINTINENSE (1955-1975)

Pe. Manuel do Carmo Campos

A colonização portuguesa e espanhola vizava a realização de um grande projeto: a criação de uma cristandade em regiões lusitanas e hispânicas da América. Tal projeto perdurou vitoriosamente por quase 300 anos, sob a tutela das Coroas portuguesa e espanhola. Os missionários não estavam tanto a serviço do Papa, mas sim de suas Coroas. Para o nativo ou qualquer pessoa pagã, “estar dentro da cristandade lusitana era encontrar o lugar da salvação”. Segundo Antonio Vieira o “português era um povo messiânico”, a salvação do índio e do negro se daria a partir da incorporação a esse povo. Ainda mais, subjaz, a

essa dinâmica de missão, a finalidade econômica, a procura de novos caminhos de mercados, onde no Brasil volta-se para a cana-de-açúcar e no Peru ou México para o ouro. Para a maioria dos missionários a boa sucessão dos colonizadores era importante devido serem determinadores da salvação cristã e assim beneficiadores dos índios e dos negros. “Fora da cristandade não há salvação” é a expressão teológica da época¹.

Esse projeto de cristandade colonial mais tarde entrou em crise devido às idéias liberais e os movimentos de independência, proporcionando o surgimento de “uma Igreja mais nacional” no Brasil,

1. AZZI, RIOLANDO, *A Romanização da Igreja a partir da República* (1889), in: AA.VV., *Inculturação e libertação*, Paulinas, SP, 1980, p. 105-106; Veja-se: HOORNAERT, E., *Formação do Catolicismo brasileiro 1550-1800*, Vozes, Petrópolis, 1978; AZZI, R., *A Teologia no Brasil. Considerações históricas*, in: AA.VV., *História da Teologia na AL*, Paulinas, 1985, p. 21; FIGUEIREDO LUZTOSA, OSCAR DE, *A Igreja, a política indigenista Ibérica e a libertação dos índios*, in: SUESS, P., *Queimada e Semeadura. Da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização*, Vozes, Petrópolis, 1988, p. 45s; AZZI, R., *Método missionário e prática de conversão na colonização*, in: SUESS, P., Op. cit., p. 89s; REZENDE, M. V., *Não se pode servir a dois senhores*, Todos Irmãos, Lins, 1985; SUESS, P., (Org.), *Cultura e Evangelização*, Loyola, SP, 1991, p. 95s; HOORNAERT, E., *Teologia e ação pastoral em Antonio Vieira 1652-1661*, in: AA.VV., *História da Teologia na América Latina*, p. 63s.

desvinculada da Metrópole. Isto não soou bem aos ouvidos de Roma, a qual vinha apoiando os Reis Católicos. Tal fato, para a Santa Sé, provocaria uma certa independência das rédeas romanas. Por volta de 1830 isso ficou bem evidente, no Brasil, quando o Regente Pe. Antonio Feijó postulou questionamentos ao celibato eclesiástico e defendeu o maior desligamento da Igreja brasileira com a Sé Romana².

A partir de então Roma tentou implantar, em substituição ao de cristandade, o projeto de "romanização ou europeização" fundamentado no Concílio de Trento, reforçado pelo dogma da infalibilidade papal (séc. XIX), sendo o chefe da Igreja Romana o "centro irradiador da verdade da salvação para o mundo", onde a salvação não se dá mais pela incorporação à idéia de nação, mas está "incorporada à instituição eclesiástica". A expressão "fora da Igreja não há salvação" é entendida "fora da Igreja

hierárquica romana, não há salvação". Essa mentalidade perdurou até o pontificado de Pio XII³.

Aproximando-se dos anos 50, o modelo tridentino entrou em crise, devido aos questionamentos relacionados à liturgia, e à propriedade da Igreja. Deu-se assim uma abertura que preparou o Concílio Vaticano II, que abriu as portas da Igreja para o mundo. A Igreja passou, a partir desse evento eclesial, a ser entendida como "povo de Deus", articulada com a problemática do ser humano no mundo, estando a serviço de todos os povos. Na América Latina aconteceram as Assembléias de Medellín (1968), Puebla (1979) e recentemente Santo Domingo (1992) surgindo assim um novo projeto de Igreja com características Latino-Americanas, onde a Igreja deste Continente assumiu relativa autonomia em suas decisões, preocupações profundas com os índios, negros e marginalizados, firmou-se a opção preferencial pelos

2. AZZI, R., *A Romanização da Igreja a partir da República*, in: AA.VV., op. cit., 106s; Idem, *Teologia no Brasil. Considerações históricas*, in: AA.VV., *História da Teologia na AL*, p. 26s; Veja-se ainda: BEOZZO, JOSÉ OSCAR, *Pe. Júlio Maria. Uma teologia liberal republicana numa Igreja monarquista e conservadora*, in: AA.VV., *História da Teologia na América Latina*, p. 107ss; FRAGOSO, HUGO, *A Igreja na Formação do Estado Liberal*, in: CEHILA, *História da Igreja no Brasil*, tomo II/2, Vozes Petrópolis, 1980, p. 143ss.

3. AZZI, R., *A romanização da Igreja a partir da República*, in: AA.VV., *Inculturação e Libertação*, p. 107; Idem, *A Teologia no Brasil. Considerações históricas*, in: AA.VV., *História da Teologia na AL*, p. 30s; FRAGOSO, H., *A Igreja na formação do Estado Liberal*, in: CEHILA, *História da Igreja no Brasil*, Tomo II/2, p. 182s.

pobres, sendo estes reconhecidos como Igreja viva a partir da sua prática comunitária em fraternidade, oração, justiça e libertação, sujeitos de sua história, conjuntamente com todos os dirigentes e coordenadores da Igreja (Papa, bispos, padres, leigos). A salvação se dá a partir do compromisso com o processo libertador tanto das opressões materiais, assim como na adesão a uma espiritualidade encarnada na realidade, é a dimensão fé e vida. Quanto mais se preocupa com a libertação do povo insere-se na divindade de Deus. Quanto mais se bebe da mística de Jesus Filho de Deus, mais se encarna na realidade sofredora do pobre. O básico é ser discípulo fiel do grande mestre Jesus, e assim construir o seu Reino, fazer como Ele fez. É a caminhada que todo e qualquer fiel deve percorrer. Essa volta às fontes da Igreja Primitiva em grande parte está sendo vitoriosa. Atualmente há uma tendência em retornar ao modelo tridentino⁴, quando a Santa Sé tenta retomar as rédeas, não só com a nomeação de novos bispos, em grande parte romanizados, estrangeiros (Brasil) e alinhados com uma teologia que não se afina com a Teologia da Libertação. A expectativa é que haja uma interação, de sorte que a

caminhada da Igreja Latino-Americana preocupada com os pobres não venha sofrer regressão.

CARACTERIZANDO O CATOLICISMO POPULAR

A abordagem acima apresentada fez-se necessária para melhor entender os fatos ocorridos até a década de 40, sobretudo em grande parte da Igreja em território brasileiro, e que se farão presente após essa década, e de modo principal a partir dos anos 50, a decadência do catolicismo popular na região de Parintins Amazonas.

É sabido que a existência das festas populares é uma realidade em todo o Brasil, com certa decadência quanto às suas características originais. Tendo seu referencial no religioso, sagrado e divino, evidenciado nas expressões S. Lázaro (protetor dos doentes de hanseniose ou lepra), N. S. da Saúde (protetora da saúde), Santa Luzia (protetora dos olhos), Divino Espírito Santo, Santíssima Trindade, Menino-Deus, Santo Antonio dos Cativos e outros. O adjetivo popular provém do destaque das aglomerações populares-populacional em volta dessas devoções, mas também devido à sua organização e realização, pelos

4. LIBÂNIO, J.B., *A volta à grande disciplina. Reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja*, Loyola, SP, 1983.

festeiros, mordomos, donos dos santos, pessoas simples do povo e que não faziam parte da hierarquia católica, sendo tipicamente leigos. O material para a realização desses eventos eram colhidos junto ao povo pelas doações, assim o espaço era muito bem providenciado pelos organizadores. Havendo padre, este era convidado especial com a incumbência das celebrações das missas, dos casamentos, batizados, confissões, não tendo grande influência direta na organização e renda.

No município de Parintins, ao leste do Amazonas, estavam presentes tais acontecimentos com bastante semelhanças e características de outros lugares brasileiros. A preparação das festas se iniciava com o dono do santo ou rezador e acompanhantes (7 a 10 pessoas), na maioria homens, percorrendo em canoas as localidades aos longos rios, lagos e igarapés da região, tirando os donativos como frutas, animais, produtos extrativistas, etc, que na realização da festa serviriam de alimentação para o povo e para o leilão. Em cada residência que o santo visitava era oficiada a folia e as rezas do rezador e foliões. Ao cair da noite, o santo pernoitava na casa e reunia em

torno de si os moradores próximos. Realizavam-se as orações dos foliões com o beija-santo, a reza do terço e a ladainha em latim, e, muitas vezes, era ocasião para uma festinha dançante.

A presença do santo proporcionava entre as pessoas aproximação, criando laços de fraternidade, clima de oração-espiritualidade e lazer⁵. Após 8 a 10 meses de viagens distantes, percorria-se as localidades próximas ao local da realização da festa (capela).

A festa começava com a entrada, uma procissão aquática (marítima) com canoas, barcos, todos ornamentados e iluminados, no início da noite saindo da embocadura de um lago ou rio até ao local de sua realização, acompanhada de cantos, hinos, rezas dos foliões e instrumentos musicais como caixinhas gambós e caixas grandes. A paisagem era deslumbrante devido as luzes dos barquinhos de papéis sobre a água juntamente com as bandeiras vermelha, branca e encarnada abanadas pelos foliões. Ao chegar no local da festa o rezador e foliões oficiavam as mais bonitas folias, seguida do beija-santo, reza do terço, ladainha em latim. Tendo um espaço para os cumprimentos, conversas espontâneas, beberi-

5. Em 1988 o Rezador ZEZE e foliões da Santíssima Trindade do Paraná de Parintins do meio, visitaram os rios Uaicurapa, Mamuru e Tracajá com a imagem de N.S. de Lourdes em preparação para a festa.

cagem, vindo a seguir a janta para todos, findo esta vinha a realização do leilão. Terminado o leilão dava-se início à festa dançante perdurando, geralmente, por três dias, com intervalos para a alimentação (café, almoço, janta) gratuita para todos, provinda dos donativos da visita do santo ao povo. Quando havia padre na região este tinha espaço para officiar a missa, ouvir confissões, realizar casamentos e batizados. Era impressionante como os organizadores conseguiram impor respeito, ordem e moralidade. Tinham uma receptividade para com o povo, especialmente para as famílias que traziam os filhos (as) para se divertirem. Sem dúvida que havia os espaços para as barracas dos marreteiros, para as vendas de comidas típicas da região. Quando algumas desavenças ocorriam, era devido ao excesso de bebida e causadas por pessoas desordeiras, brigalhonas e que, na maioria das vezes, os organizadores conseguiam apaziguá-las. Isso não quer dizer que não havia violência, até mesmo mortes. No mais, tudo ocorria normalmente e muito bem.

O encerramento dava-se geralmente no terceiro dia às 17h, onde após a procissão fazia-se o corte do mastro que era um poste de

madeira cheio de prêmios, frutas, produtos da região e dinheiro em uma bandeira na sua ponta. Cada mordomo dava uma machadada no mastro até sua queda. Quem seguisse a bandeira seria o próximo festeiro. Terminado esse ritual, todos voltavam para suas casas levando um pouco de cada coisa do mastro, com sono, ressaquiados e comentando os melhores momentos da festa.

Note-se que esse tipo de catolicismo popular a partir dos leigos foi herdado do antigo catolicismo luso-brasileiro, que era um "catolicismo assentado sobre organizações e lideranças leigas"⁶.

A DECADÊNCIA

Em 1955 chegaram na região parintinense os missionários italianos do PIMI (Pontifício Missões Estrangeiras), os quais influíram radicalmente na mudança ou extinção do catolicismo popular em grande parte do médio Amazonas. Foi criada a Prelazia de Parintins desmembrada da Diocese de Manaus, uma distância de aproximadamente 400 Km de uma sede para outra. Antes dessa época a presença de padres era bastante escassa, onde, muitas vezes, um só atendia grande parte daquilo que

6. RIBEIRO DE OLIVEIRA, PEDRO, *A religião do povo. Catolicismo do Povo*, Paulinas, S. Paulo, 1980, p. 73.

hoje é a Diocese: Parintins, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués, Nhamundá e seus municípios.

A missão desenvolvida pelos missionários do PIMI trouxe no seu bojo a romanização. Mesmo com a tese de formar sacerdotes e cristãos nativos que futuramente assumiriam a Igreja local, e esta estando madura eles seguiriam para outra missão, na realidade não penetraram na cultura dos nativos e caboclos, não conseguiram formar ainda a Igreja madura, devido o clero e os cristãos locais formados serem seminários brasileiros e alinhados a uma pastoral segundo os ditames da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) distonarem da concepção européia de Igreja do PIMI, ainda repercute a dimensão cultural branca como superior à nativa e cabocla. Repete-se um pouco o que ocorreu no início da colonização brasileira. Bom padre e bom cristão de confiança é o branco europeu⁷, como já foi dito o preferencial é a cultura e religião provincianas da Europa. Esta mentalidade, ainda com bastante ênfase na atualidade, no iní-

cio da Prelazia atacou de cheio as práticas antigas do catolicismo popular. Os costumes do povo, as suas posturas éticas e moral, devem não só ser corrigidas, mas até mesmo adaptadas ou assimiladas às práticas religiosas, ética e moral, cultural dos bons cristãos do primeiro mundo. Na desobriga, segundo eles, leva-se a catequese a um povo ainda ignorante das coisas de Deus e da Igreja, cheios de vícios da embriaguez, de danças, de brigas e mortes. Praticantes da religião do cavaquinho⁸. O catolicismo romano busca adequar o povo a uma vida sacramental e a uma disciplina rígida. Para isso são implantados os movimentos da Congregação Mariana para os homens, Apostolado da Oração para as mulheres, cruzada eucarística para as crianças após a primeira comunhão, pia união para as moças (esta já não existe mais). Tais movimentos constituem a base da evangelização da Prelazia, tendo como missão substituir as lideranças leigas do catolicismo popular, transformando as festas em festas somente religiosas proibindo danças e substituindo os organizadores

7. Ainda hoje na Diocese de Parintins a presença do clero é de maioria italiana, assim como são vindos da Itália leigos para ser presença cristãs em comunidades rurais.

8. A religião do cavaquinho eram as festas dos santos onde havia danças, com a chegada da Prelazia, esse tipo de lazer se tornou proibido por ocasião das mesmas festas, já romanização.

por membros dos movimentos então fundados. Mais tarde vai surgiram daí comunidades rurais alinhadas com a romanização. Mesmo tendo fortes reações por parte dos antigos membros do catolicismo popular, este sistema romanizado conseguiu se impor, devido a constante presença dos missionários, assim como muitos líderes foram integrados nos movimentos em ascensão. Aqueles que não aderiram a essa nova maneira de ser Igreja ficaram às margens dos quadros e poucas vezes quando tentavam praticar os antigos rituais em uma festa realizada às margens, eram até ridicularizados pelos povos cristãos romanizados. Sem dúvida, surgiu uma nova liderança leiga no catolicismo romano, porém totalmente clericalizada, onde o padre controla tudo, até mesmo a questão financeira e nada é feito sem sua autorização.

Houve tentativas de integrar as cerimônias do catolicismo popular às do catolicismo romano, exemplo disso foi o trabalho do Pe. Augusto Gianolla nas comunidades do Caburi, Mocambo e Panauarú no município de Parintins. Nas festas dos santos, mesmo não tendo mais a dimensão das visitas com os donativos, mantinham-se a entrada,

as folias antes das missas e demais costumes do corte do mastro, etc. Só as festas dançantes que deixaram de acontecer. Mas posterior a ele, tais eventos entraram em decadência acelerada. Exemplo típico de combate ao catolicismo popular foi o que ocorreu no Panauarú com o Padre Vicente Pavan. Uma comunidade de negros festejava Santo Antonio dos Cativos. Eles migraram dos quilombos do Rio Trombeta no Pará, município de Oriximiná⁹ pelo Paraná de Dona Rosa. Segundo depoimento de um dos filhos dos Mangueiras, conhecido pelo agrado de PEPE, "a festa desse santo era organizada por um senhor de bem morador do Paraná de Dona Rosa, com quem os Mangueiras trabalhavam e dele foi passado a responsabilidade para a realização da festa"¹⁰. Com a saída do Pe. Augusto Gianolla o conflito, antes contornado, entre mangueiras (negros) e macedos (família que liderava a comunidade já romanizada) se acirraram. Com o argumento que a população aumentara, a ilha não abrigava mais os comunitários e que a maioria estava nas margens do lago, mas o pano de fundo era ainda o controle que os negros não conseguiram perder totalmente sobre o

9. Sobre os quilombos da Amazônia e a questão do Trombetas veja-se: ADEODATO, SERGIO, *Quilombos da Amazônia*, in: Globo Ciência 38 1994: 32-35

10. Entrevista oral. Os antigos mangueiros já morreram, restam apenas seis netos.

santo. Assim foi proposta a mudança da sede da comunidade com a retirada da nova capela para outro local. Fato que os Mangueiras não concordaram, isto a partir de 1974. Em uma de suas visitas Pe. Vicente aproveitou, enquanto os Mangueiras dormiam, e começou a derrubada da Igreja, juntamente com os macedos, de sorte que quando os negros acordaram já era tarde demais, o templo já estava embaixo. Segundo comentários o padre não levou uma surra devido o grande respeito que os negros tinham para com as pessoas, ainda mais pelos padres. Com a mudança da capela para outra localidade e a maioria dos negros estarem em idade avançadas, nada mais puderam fazer e assim a festa de Santo Antonio dos Cativos teve o seu fim, segundo os moldes do catolicismo popular.

A decadência do catolicismo popular no médio Amazonas é caracterizada não só pela substituição das lideranças leigas pelas leigas romanizadas-clericalizadas controladas pela hierarquia, entre outras, mas também pelo posto central que até os santos perderam em diversos municípios na realização das festas e não dando o nome à sede paroquial. Em Maués o Divino Espírito Santo cedeu o lugar a N. S. da Conceição, Boa Vista do Ramos São Sebastião perdeu o lugar para N. S. Aparecida, Parintin São Benedito para São

José Operário, Barreirinha o santo principal, se tornou N. S. do Perpétuo Socorro, Nhamundá ficou padroeira N. S. da Assunção e padroeira da Diocese N. S. do Carmo herança dos Carmelitas do século XVIII.

Conclusão

O modelo de Igreja do Vaticano II, entendido como "Povo de Deus", deslançando em Medellín, Puebla e com certa dificuldade em Santo Domingo, procurou traduzir os anseios culturais, religioso, sócio-econômico-político das camadas pobres da América Latina em busca da libertação. Porém com certa ameaça na atualidade pela nova romanização.

O catolicismo popular da região parintinense no Amazonas, mesmo herdado do antigo catolicismo lusobrasileiro, traz sérios questionamentos para uma prática de evangelização a partir de um contingente de leigos hierarquizados bastante presente e com tendências de crescimento numa grande parcela da Igreja. Haja visto que numa Igreja comunidade, de participação, baseada na Igreja Primitiva, a ordenação (Episcopo, Presbítero e Diácono) é um ministério caracterizado pelo dom ou carisma a serviço dos demais e não tanto com poder de mando. Dimensão vivificada nas Comunidades Eclesiais de Base.

A tentativa de integração do novo com o velho, de uma prática de evangelização levando em conta os valores, símbolos, a ética, a religião, a cultura dos povos nativos. De maneira que eles sejam protagonistas da sua evangelização e libertação, é um dos grandes desafios para a Igreja do Amazonas. Fato esse que a missão do PIMI não considerou e que se não mudar sua prática, vai implantar cada vez mais os desacertos já ocorridos na Igreja Colonial.

É interessante observar que o catolicismo popular no médio Amazonas sustentou durante décadas as práticas de fraternidades

e a espiritualidade do povo. Assim, tantos os mais humildes quanto os mais conscientes resguardam sérias indagações às práticas missionárias desarticuladas do seu ambiente circundante. Evidencia-se neles uma forma de resistência manifestada nas lendas, crenças e mitos dos encantados, os quais fogem à lógica hierarquizada, padronizada, legalista, canonista e opressora dos brancos e colonizadores¹¹.

Pe. Manuel do Carmo Campos é Doutorando em Teologia Moral pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

11. Veja-se o livro que trabalha a realidade dos encantados da Amazônia de SLATER, CANDECE, *Dançando com o Boto*, Detroit, 1994; brevemente será publicado no Brasil pela Editora Marco Zero.